

O sonho circular de James Joyce

Felipe Luis Melo de Souza
felipeluisouza@yahoo.com.br

“A história é um pesadelo do qual quero acordar”. A inteligibilidade da sentença, como um sonho, coaduna-se ao uso da biografia do enunciador e do sentido em-si das palavras. Pelas imagens acústicas a que desejo história, pesadelo, acordar, respondem? Quem é o sujeito dessa articulação simbólica, autor de *Finnegans Wake*, de *Ulisses* e desta seqüência?

Embora Burckhardt (Finley, 1988, 23) concebesse a história enquanto a única disciplina da qual não se pode iniciar pelo começo, usualmente, as biografias principiam-se pelo nascimento e descrevem a vida do sujeito em questão em seus precípuos feitos.

Nascido em 1882 na Irlanda – ainda colônia da Inglaterra – James Joyce publicou *Ulisses* em 1922 e *Finnegans Wake* em 1939. O primeiro, paródia moderna da Odisséia homérica, foi a obra que o tornou mundialmente famoso. Em suas longas 815 páginas (Joyce, 2005), narra os infundáveis acontecimentos de um dia comum em Dublin, 16 de junho de 1904. *Finnegans Wake*, que lhe tomou dezesseis anos de trabalho – ao invés do dia, da consciência, da percepção sensorial interna e externa – reflete o mundo da noite, da perda da consciência antes de dormir, do onírico, o sonho para o eu.

Há no título do sonho de Joyce, *Finnegans Wake*, diversos sentidos: Finn é o ancestral mitológico dos finlandeses e irlandeses; lembra a canção popular irlandesa à respeito de um certo Finnegan, o qual falece de tanto beber uísque e, em seu velório, desperta ao sentir o cheiro da mesma bebida. No livro, este ancestral dos irlandeses é Earwicker, Talvez sonhados por ele, os outros personagens são

(..) os vultos oníricos da eterna e profana família (...) Humphrey Chimpden Earwicker, dono de um bordel em Chapelizod, cuja esposa era Anna Lívia, cujos filhos eram os gêmeos Shem e Shaun e sua irmã de personalidade dividida, Isabel (...) Earwicker era um gigante primordial, uma montanha, um deus, com um duplo aspecto sugerido pelos filhos, e Anna um rio, um principio da natureza, e sua filha uma nuvem. Era um livro inteiramente novo baseado na premissa de que não há nada de novo sob o sol (Ellmann, 1989, 671).

O modo como é estruturado o discurso no livro, o sonho de Joyce, propõe a questão - como qualquer desatino, sonho ou pesadelo ininteligíveis (a princípio) - do problema da linguagem, da língua e mais especificamente, da significação e também do símbolo, em seu sentido junguiano.

Ambos os tipos de pensamento definidos por Jung no livro *Símbolos da Transformação* (Jung, 1989), referenciam-se à estruturação da arte neurótica e psicótica em sua disjunção quanto a direção a outrem da necessidade de se fazer entendido, de modo que o pensamento dirigido é adaptado ao meio e às relações sociais (também internalizadas no “monólogo interior”), e o pensamento-fantasia dispõe de leis idiossincráticas diversas.

Apesar da diferença feita por Joyce de ser o *Ulisses* livro do dia e *Finnegans Wake* da noite, impossível é a classificação apressada de um e outro em tais conceitos junguianos, pois ambos são exemplos psicóticos de arte. O *Finnegans Wake* utiliza-se das palavra-valise de Carroll, do pensamento não aos outros dirigido, semelhante ao do infante, ao do temerário, ao do *lapsus linguae*.

Uma palavra ou símbolo pode, em princípio, ser referido à diversas outras palavras da cultura do leitor ou do autor, do analista ou do analisando, *ad infinitum*. Na Psicologia Analítica, esta problemática é respondida com base na *Crítica da Razão Pura* de Kant, por C.G. Jung. (Jung, 2000, 88). Amplifica-se o contexto e a significação específica até onde convir. Não existe saída para a subjetivação da decisão ao fim ao qual se chega, como não existe para a falta de cientificidade, no campo de suas possibilidades, da psicologia. Jung parece aproximar-se disso ao descrever a psicologia – em sua ausência sempre presente de seu ponto de Arquimedes para além do sujeito – como constantemente precisando de um *como se*.

“When one reads these strange pages of one long gone one feels that one is at one with one who once”... Esta frase retirada do terceiro capítulo do *Ulysses* expressa a importância da metáfora na crítica literária, cuja presença é facilmente demonstrável na análise onírica: Quando alguém, como seus conceitos e referências, lê as estranhas páginas de alguém, como Joyce, aquele alguém sente que o autor estava pensando em outro autor que alguma vez disse algo parecido, *como se*...

No trecho do *Finnegans Wake* a seguir, Joyce brinca – uma das intenções confessas dele era que, assim como o *Witz*, sua obra sem sentido, “pura música”, fora feita para rir – com a psicanálise:

(...) but we grisly old Sykos who have done our unsmiling bit on 'alices, when they were yung and easily freudened, in the penumbra of the procuring room and what oracular comepression we have had apply to them! Could (did we care to sell our feebought silence in camera) tell our very moistnostrilled one that father in such virgated contexts is not always that undemonstrative relative (often held up to our contumacy) who settles our hashbill for us and what an innocent all abroad's adverb such as Michaelly looks like can be suggestiveof under the pudendascope and, finally, what a neurasthene nympholept, endocrine-pineal typus, of inverted parentage with a prepossessing drauma present in her past and a priapic urge for congress with agnates before cognates fundamentally is feeling for under her lubricitous meiosis when she refers with liking to some feeler she

fancie's face. And Mm. We could. Yet what need to say? (Joyce apud Elmmann, 1989, 797).

Old Sykos soa como psyche, do grego ψυχή. *Yung* e *easily freud-ened* remetem à Jung e Freud. Em alemão, *jung* quer dizer jovem, possuindo a mesma origem de *young* em inglês. O vocábulo *freud*, em alemão significa alegria, o qual Joyce adjetiva pelo ed, de modo que *easily freudened* pode ser interpretado como facilmente feito alegre.

Circulam as palavras-valise ao redor da psicanálise com seu divã em *the penumbra of the procuring room*, do diagnóstico psiquiátrico médico em *neurasthene nympholet, endocrine-pineal typus, Drauma* é uma referencia clara à primeira teoria de Freud para as neuroses – a teoria do trauma – posteriormente substituída em virtude da consideração da fantasia (Mezan, 1989). Outras palavras-valises abundam nesta pequena citação, assim como em toda obra. Joyce inclusive brinca com o conceito junguiano de anima em outro trecho, quando diz: *Anama anamaba anamabapa*. Então: *Yet what need to say?*

Um sujeito, face a um sonho ou ao *Finnegans Wake*, traz na tentativa de entendimento, a história de seus complexos – idéias (significantes e significados) juntos a afetos, enfim, de sua biografia. Por sua vez, a história singular nasce, como na metáfora de Jung, do rizoma da história de seu povo, e, em última instância, da história da humanidade. *A alma não é de hoje! Sua idade conta muitos milhões de anos. A consciência individual é apenas a florada e a frutificação própria da estação, que se desenvolveu a partir do perene rizoma subterrâneo* (Jung, 1989, XV).

A importância da história foi observada tanto por Jung como por Joyce. O primeiro, em contato com os símbolos alquímicos, encontra a base histórica para seus conceitos. Arquétipo e Inconsciente Coletivo, por exemplo, são indissolúveis da consideração da história com seus paralelos simbólicos entre culturas de épocas, latitudes e longitudes distintas.

Joyce, de acordo com a crítica de Jean Paris, relaciona o sujeito *Finnegans* com a história

convocadas pela causalidade de assonâncias, formadas na lógica estranha do sonhador, ao longo de toda essa noite se estabelecerão, entre esses dublinenses e os grandes do passado, os símbolos, os mitos, a própria terra, os mais profundos parentescos (Paris, 1992, 163).

Deste modo, a história relaciona-se ao pesadelo do qual Joyce desejava acordar. Começando com letra minúscula, o sonho de *Finnegans* e de Joyce é um círculo urobórico sem fim, pois a última palavra do livro é *the*. Sem ponto. Ao reabrir a primeira página, continuar-se-á sonhando, ou despertando, com o riocorrendo.

Referências Bibliográficas

ELLMANN, R. *James Joyce*. Tradução: Lya Luft. Editora Globo, São Paulo, 1989.

FINLEY, M.I. *O mundo de Ulisses*. Editora Presença, Lisboa, 1988.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Objetiva, 2000.

JOYCE, J. *Ulisses*. Tradução: Bernardina da Silveira Pinheiro. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2005.

JUNG, C.G. *Símbolos da Transformação*. Editora Vozes, Petrópoles, 1989.

JUNG, C.G. *Os arquétipos do Inconsciente Coletivo*. Editora Vozes, Petrópoles, 2000.

PARIS, J. *Joyce*. Editora José Olympo, Rio de Janeiro, 1992.

Acesso ao Ulysses, edição inglesa, através do site: <http://www.gutenberg.org/etext/4300>

Acesso ao *Finnegans Wake*, edição inglesa, no site: <http://www.trentu.ca/faculty/jjoyce/>